

A estratégia de Marconi para voltar ao Palácio das Esmeraldas

Tucano quer que o eleitor coloque lado a lado seus quatro governos e o ciclo iniciado por Ronaldo Caiado, agora continuado por Daniel Vilela.

Página 8



Municípios goianos recebem R\$ 3,7 bilhões no primeiro semestre eleitoral

Repasses cresceram 9,3% em relação ao mesmo período de 2025 e acrescentaram quase R\$ 315 milhões ao caixa das prefeituras.

Página 9

TRIBUNA DO PLANALTO



Ano 40 • Nº 1.855 • R\$ 2
Goiânia, de 26 de julho a
01 de agosto de 2026



Entrevista

José Frederico Lyra Netto

Secretário de Ciência, Tecnologia e Inovação

"A inteligência artificial deve assumir tarefas, não substituir as pessoas."

A inteligência artificial deixou de ser uma promessa para se tornar uma prioridade estratégica do Governo de Goiás. Secretário de Ciência, Tecnologia e Inovação detalha os projetos que sustentam a meta de transformar o Estado em referência nacional no setor e os desafios para preparar trabalhadores para a economia do futuro.

Páginas 4 e 5



Foto: Divulgação

Goiás entra na elite da inovação

Quatro empresas goianas figuram entre as 100 startups mais promissoras do Brasil.

Página 6

Violência contra crianças e adolescentes explode no país

Registros do Disque 100 e do Ministério da Saúde apontam aumento de 125% em denúncias em cinco anos; Goiás segue a tendência.

Página 7

Acabou a Copa do Mundo. E agora, o que será do futebol brasileiro?

As discussões precisam ser sobre identidade tática, formação dos atletas na base e impacto dos clubes no mercado financeiro.

Página 12

ESCOLA

64 milhões de brasileiros com 15 anos ou mais não concluíram a educação básica



Foto: Seduc Goiás

A Educação de Jovens e Adultos alcança 1,5% do público potencial, enquanto as matrículas na modalidade seguem em queda em todo o país.

Página 11

Editorial

O silêncio que alimenta a violência

O Brasil convive com uma tragédia silenciosa que se repete diariamente atrás de portas fechadas, longe dos holofotes e da indignação pública. A explosão dos casos de violência contra crianças e adolescentes registrada nos últimos anos não pode ser tratada apenas como uma estatística alarmante. Ela é o retrato de uma sociedade que ainda falha em proteger seus cidadãos mais vulneráveis.

Os números são contundentes. As denúncias cresceram mais de 120% no país e, em Goiás, o avanço foi ainda mais expressivo. Mas a realidade é provavelmente muito pior. Autoridades, pesquisadores e profissionais da rede de proteção concordam que os casos conhecidos representam apenas uma parcela do problema. A violência contra crianças e adolescentes continua amplamente subnotificada porque acontece, em grande medida, dentro de casa, praticada justamente por aqueles que deveriam garantir cuidado, segurança e afeto.

É impossível ignorar a gravidade desse cenário. Quando mães e pais aparecem com frequência entre os autores das agressões, o problema deixa de ser apenas policial e revela uma crise social profunda. O lar, que deveria ser um espaço de acolhimento, transforma-se em ambiente de medo, sofrimento e violação de direitos. Enquanto isso, muitas vítimas permanecem em silêncio por dependência emocional, por não compreenderem que estão sendo violentadas ou simplesmente porque não encontram adultos dispostos a ouvi-las.

Os casos que chocaram Goiás recentemente demonstram uma verdade incômoda: muitas vidas só foram salvas porque alguém decidiu denunciar. Um vizinho atento, um professor preocupado ou um cidadão inconformado podem representar a diferença entre a proteção e a continuidade da violência. Quando a sociedade escolhe não se envolver sob o argumento de que se trata de um problema familiar, abre espaço para que os abusos continuem.

Romper essa cultura do silêncio é uma obrigação moral. Não basta punir os agressores depois que a violência se torna pública. É necessário fortalecer os mecanismos de prevenção, ampliar campanhas de conscientização, garantir recursos à rede de proteção e estimular a denúncia responsável. Nenhuma criança deve depender da sorte para ser resgatada de uma situação de violência.

A omissão protege o agressor. A denúncia protege a vítima. Entre uma escolha e outra, não pode haver neutralidade.

Artigo

A nova era da alimentação saudável

A alimentação saudável deixou de ser uma escolha de nicho para se tornar uma das maiores transformações do mercado de alimentos nos últimos anos. Mais do que uma tendência, a busca por uma vida saudável se tornou um movimento que influencia hábitos de consumo, comportamento e a forma como a indústria desenvolve seus produtos.

Nesse contexto, a indústria de alimentos tem um papel que vai além da produção. Ela também contribui para a educação do consumidor, ao estimular a experimentação e mostrar que é possível unir sabor, praticidade e qualidade nutricional. A mudança de hábitos alimentares não acontece de forma imediata. Ela é construída por meio de informação, acesso e experiências positivas.

Na prática, observamos consumidores cada vez mais atentos à composição dos produtos, buscando opções que ofereçam equilíbrio entre sabor, praticidade e valor nutricional. Além disso, a saúde passou a ser entendida de forma mais ampla, envolvendo alimentação equilibrada, atividade física, qualidade do sono e

bem-estar emocional.

O avanço das dietas emagrecedoras é um exemplo de como novas tendências de saúde e bem-estar influenciam o mercado de alimentos. Com o aumento do interesse por dietas mais equilibradas, cresceu também a procura por alimentos ricos em proteína. Ao mesmo tempo, especialistas alertam para a necessidade de ampliar o consumo de fibras, fundamentais para a saúde intestinal e para o equilíbrio do organismo. Isso explica por que as fibras despontam como uma das próximas grandes tendências da indústria de alimentos, ao lado das proteínas.

Mas tornar a alimentação saudável mais acessível ainda é um desafio. Muitos ingredientes de melhor perfil nutricional possuem custos mais elevados. Por isso, equilibrar qualidade, sabor e preço continua sendo uma das principais missões das empresas do setor.

Outro desafio importante é preservar a experiência do consumidor. Reduzir açúcar, sódio, gordura e aditivos sem comprometer o sabor exige pesquisa, tecnologia e inovação. Afinal, a mudança de hábitos

acontece de forma mais natural quando as pessoas percebem que comer melhor não significa abrir mão do prazer de comer.

Os sinais de que essa transformação veio para ficar estão em toda parte. Grandes marcas tradicionais já investem em produtos com mais proteína, menos açúcar e melhor composição nutricional. O mercado de saudabilidade cresce de forma consistente e deixa de ser um nicho para se tornar uma prioridade estratégica para toda a cadeia de alimentos.

Em um cenário de consumidores cada vez mais conscientes, a verdadeira inovação não está apenas em criar novos produtos, mas em tornar a alimentação equilibrada uma escolha possível para mais pessoas.



***Juliana De Bona**
é gerente da marca Dona Raiz, da GSA Alimentos

Artigo

Quando desligamos as telas, ligamo-nos às crianças

Vivemos numa era em que a tecnologia está presente em praticamente todos os momentos do cotidiano. As telas fazem parte do trabalho, da escola e do lazer. Esta realidade trouxe benefícios importantes, como o acesso rápido à informação e novas formas de comunicação. No entanto, trouxe também um desafio silencioso: a diminuição da qualidade da presença entre adultos e crianças.

Falar de tempo de qualidade não é falar de quantidade de horas passadas em conjunto. É falar de disponibilidade emocional. Uma criança não mede o amor pelo tempo no relógio,

mas pela forma como é vista, ouvida e acolhida.

Na prática, tempo de qualidade acontece nos momentos simples do dia a dia. Uma conversa durante o jantar, uma história antes de dormir, uma brincadeira rápida na sala ou um passeio sem pressa. Estes pequenos gestos têm um impacto profundo no desenvolvimento emocional da criança, porque transmitem confiança, autoestima, segurança e pertencimento.

As crianças aprendem sobretudo através do exemplo. Quando observam adultos constantemente ligados ao celular, entendem que essa é a forma natural de estar no

mundo. Quando, pelo contrário, veem adultos guardando o celular para ouvir, conversar ou brincar, aprendem que a presença humana tem valor.

A tecnologia não é o problema. Ela é uma ferramenta útil e, muitas vezes, necessária. O desafio está no equilíbrio. O risco surge quando o digital começa a ocupar o espaço do vínculo, da escuta e da convivência familiar.

Além disso, quando o digital ocupa todos os momentos livres, até os pequenos instantes de espera deixam de existir. O tédio faz parte do desenvolvimento infantil, porque abrem espaço para a criatividade, a imaginação e a

autonomia emocional. Nesses momentos, a criança aprende a criar, a inventar e a lidar consigo mesma.

O que transforma a relação entre adultos e crianças são pequenas decisões conscientes: desligar as telas durante as refeições, estar disponível por alguns minutos sem distrações, ou simplesmente olhar e ouvir com atenção.

Ao longo da vida, as crianças não se lembrarão da quantidade de tempo passado em frente a um dispositivo, mas sim da qualidade dos momentos vividos com as pessoas que mais amam. Lembrarão-se das conversas, das brincadeiras, do afeto e da

sensação de serem importantes para alguém.

Oferecer tempo de qualidade é, no fundo, um ato simples, mas profundamente transformador: é escolher estar presente.



***Daniella Starfiel**
é escritora, letrista, empreendedora criativa e autora do livro infantil "O Grande Dia da Escolha"



Fundador e Diretor-Presidente
Sebastião Barbosa da Silva
sebastiao@tribunadoplanalto.com.br

Diretor de Produção
Cleyton Ataídes Barbosa
cleyton@tribunadoplanalto.com.br

Editores
Andréia Bahia
abahiagn@gmail.com

Carla Borges
carlazenborges@gmail.com

Departamento Comercial
comercial@tribunadoplanalto.com.br
62 99622-5131

Ajude-nos a fazer a Tribuna do Planalto em sintonia com você. Escreva para: redacao@tribunadoplanalto.com.br

Curta e compartilhe
nossas redes sociais

Tribunadoplanalto
@Tribunaplanalto

Endereço e telefone:
Av. Anhanguera, Sala 1601, Qd. 74 Lt. 9A/11
Palácio do Comércio: Cep 74.043-010
Fone: (62) 3434-1516



Tribuna Política
Domingos Ketelbey
dksilveira@gmail.com

Marconi troca o motor

Depois da saída de Marcelo Vitorino para a campanha de Wilder Moraes, Marconi Perillo entregou o marketing ao publicitário Lula Guimarães. A troca mostra que a primeira crise da pré-campanha tucana foi respondida com mudança de comando, mas também dá munição aos adversários para explorar a instabilidade da equipe.

Câmara em marcha lenta

Sandro Mabel e Wellington Bessa decidiram manter a liderança do governo mesmo com o vereador candidato a deputado estadual. O argumento do prefeito é revelador: com tantos parlamentares envolvidos na campanha, a Câmara deverá reduzir o ritmo e trabalhar por meio de esforços concentrados. A eleição ainda não começou oficialmente, mas já alterou o calendário político do Paço.

Fila para Gracinha

Como já mostrado nesta coluna, o senador Vanderlan Cardoso, o ex-prefeito de Aparecida, Gustavo Mendanha, e o deputado federal Zacharias Calil procuram construir dobradinhas com Gracinha Caiado. A ex-primeira-dama virou o ponto aparentemente pacífico de uma chapa ao Senado que ainda abriga mais candidatos do que vagas. Todos querem aparecer ao lado de Gracinha.

Faltou entregar

A Secretaria Municipal de Saúde aplicou até agora R\$ 45 mil em multas a três fornecedores por falhas na entrega de materiais e vai continuar multando. Nos despachos, a própria pasta fala em “flagrante negligência” e diz que a falta dos produtos poderia colocar em risco a qualidade e a eficiência da rede. A Dental Bonsucesso recebeu duas multas e ficou impedida de licitar com a administração pública por dois anos.

Sete de uma vez

O secretário municipal de Saúde, Luiz Gaspar Machado Pellizzer, abriu sete sindicâncias em uma única edição do Diário Oficial. As portarias mencionam “eventuais irregularidades administrativas”, mas não revelam os fatos investigados. Parte dos processos tramita desde 2025, incluindo um aberto em maio daquele ano. O prazo para conclusão é de 60 dias, prorrogável por mais 60.

Contas em espera

Atas do Conselho Fiscal do Imas mostram que a análise do balancete de dezembro de 2025 foi suspensa para priorizar a elaboração de um novo regimento interno. Em outro trecho, o colegiado cita a necessidade de dar baixa em registros prescritos até dezembro de 2020 para evitar risco de pagamentos em duplicidade.



Esquerda vai chegar às eleições dividida em Goiás

Na semana decisiva em que as convenções partidárias começam a definir os rumos das eleições de outubro, a chamada frente ampla democrática, criada para sustentar um palanque único ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva em Goiás, parece entrar em combustão. Depois de inúmeras reuniões, os partidos ainda não chegaram a um consenso sobre a chapa majoritária.

O encontro da última quinta-feira (23) terminou, mais uma vez, sem solução. A vice foi encaminhada ao PDT, mas as duas vagas ao Senado continuam disputadas por PSOL, PSB e PCdoB. Como há três interessados para apenas dois lugares, a unidade passou a depender de quem aceitará ficar de fora. Até agora, ninguém demonstrou disposição para o sacrifício.

O PT já ocupa a cabeça de chapa com Luis Cesar Bueno. O PDT avançou sobre a vice. Restou aos demais partidos medir forças por duas candidaturas ao Senado. O PSOL apresenta Cíntia Dias. O PSB defende Isaura Lemos. O PCdoB trabalha com Aldo Arantes. O PV também tem interesse no posto.

O PSOL sustenta que ajudou a ampliar a aliança, inclusive na aproximação com o PDT, e agora cobra reconhecimento na composição da maioria. A presidente estadual da legenda, Cíntia Dias, resumiu o desconforto: “A única certeza é que trabalhamos pela frente. Agora, a frente também precisa trabalhar pela unidade”.

A declaração deixa a responsabilidade por um eventual rompimento no colo dos demais partidos. O PSOL afirma que ainda trabalha pela frente, mas avisa que não aceitará ser tratado apenas como figurante. Depois da reunião, dirigentes da legenda voltaram a conversar com o PSB. Nos bastidores, cresce a possibilidade de palanques diferentes de apoio a Lula no Estado.

A divisão não começará quando uma sigla anunciar candidatura própria. Ela já existe quando aliados passam a negociar alternativas enquanto repetem publicamente que a prioridade é a unidade. O esforço parece ser menos para impedir a separação e mais para definir quem será responsabilizado por ela.

O impasse expõe uma dificuldade antiga da esquerda goiana. Os partidos conseguem se reunir contra um adversário comum, mas encontram obstáculos quando precisam dividir poder, candidaturas e tempo de campanha. A frente ampliou o número de siglas à mesa sem ampliar o número de vagas.

Ainda pode haver acordo formal até as convenções. Um nome pode recuar, outro pode ser compensado na proporcional e os dirigentes poderão aparecer juntos em uma fotografia de unidade. Isso, porém, não elimina as feridas abertas durante a negociação.

O mais provável é que Lula tenha mais de um grupo pedindo votos em seu nome em Goiás. A frente que nasceu para evitar a fragmentação caminha para chegar às urnas dividida. Não por divergência sobre o presidente, mas porque seus aliados não conseguiram decidir quem deveria abrir mão do próprio projeto.

Quase metade do programa

Daniel deve começar a campanha com 4 minutos e 56 segundos em cada bloco de dez minutos do horário eleitoral, apoiado por pelo menos dez partidos. É quase o dobro do tempo projetado para Luis Cesar Bueno e mais de oito vezes o reservado a Marconi. A desigualdade não aparece apenas nas pesquisas ou no número de prefeitos. Também estará na televisão.

O PDT vale 24 segundos

A disputa pelo PDT não envolve apenas a vice. Sem o partido, Daniel Vilela terá estimados 4 minutos e 56 segundos em cada bloco do horário eleitoral. Com a legenda, sobe para 5 minutos e 20 segundos. Luis Cesar Bueno passaria de 2 minutos e 8 segundos para 2 minutos e 27 segundos. Marconi Perillo sairia de 34 para 52 segundos. Na reta final, o partido de Kowalsky Ribeiro virou uma pequena fortuna medida no relógio.

Último dia congestionado

Como a Tribuna Política tratou na última semana. Partidos deixaram as decisões para a última hora. MDB, União Brasil e a parcela significativa da chamada “base aliada”, marcaram suas convenções para 5 de agosto, no Centro de Convenções de Goiânia. O PSDB ocupará a Assembleia Legislativa na mesma data. PL e PSD também reservaram o último dia permitido. A concentração mantém abertas até o limite as negociações sobre vice, Senado e alianças.

Efeito rebote

Estrategistas de partidos aliados avaliam que a ofensiva jurídica do PSDB contra Aava Santiago pode produzir um efeito político contrário ao pretendido. Em vez de enfraquecer a vereadora, a ação pode entregar ao campo governista um símbolo local de perseguição política.

A conferir

O julgamento foi suspenso após pedido de vista no TRE-GO. Caso o tribunal acolha os argumentos tucanos e determine a perda do mandato, Aava, mulher mais votada para a Câmara de Goiânia em 2024, com 10.482 votos, poderá sair politicamente maior do processo.

Nos braços de Lula

Nos bastidores, a avaliação é de que uma decisão desfavorável empurraria Aava definitivamente para o campo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O episódio também poderia antecipar uma candidatura da vereadora à Câmara dos Deputados, sustentada pelo discurso de vítima de uma perseguição partidária. A tentativa de recuperar uma cadeira para o PSDB acabaria oferecendo à esquerda uma candidatura de maior apelo eleitoral.

Brasília em silêncio

A poucos dias da convenção, a pré-candidatura de Luis Cesar Bueno ao governo de Goiás ainda não recebeu o aval público da direção nacional do PT. O silêncio do comando presidido pelo ex-prefeito de Araraquara Edinho Silva mantém aliados desconfiados sobre a permanência do petista na disputa pelo Palácio das Esmeraldas.

Coluna avisou

A Tribuna Política já registrou que, em algum momento, Luis Cesar poderia recuar. Quanto mais a direção estadual avança sem o sinal verde de Brasília, mais a pré-candidatura parece cumprir uma função provisória: manter o PT na mesa enquanto Lula decide qual palanque considera mais competitivo em Goiás.

Entrevista

José Frederico Lyra Netto

Secretário de Ciência, Tecnologia e Inovação.

Goiás aposta em IA, pesquisa e segurança para atrair empresas de tecnologia

A inteligência artificial deixou de ser uma promessa para se tornar uma prioridade estratégica do Governo de Goiás. Em entrevista à Tribuna do Planalto, o secretário de Ciência, Tecnologia e Inovação, José Frederico Lyra Netto, detalha os projetos que sustentam a meta de transformar o Estado em referência nacional no setor. Ele fala sobre os investimentos no Ceia 2.0, a criação do Distrito de Inovação e Inteligência Artificial, o “Vale do Pequi”, a atração de empresas, a aplicação da IA nos serviços públicos e os desafios para preparar trabalhadores para a economia do futuro.

» Andréia Bahia e Domingos Ketelbey

TRIBUNA DO PLANALTO

O senhor diz que Goiás vai ser o principal polo de inteligência artificial do Brasil, até da América Latina. O que tem sido feito para que isso se torne uma realidade?

José Frederico Lyra Netto

Eu diria que são três principais frentes. A primeira tem a ver com o fortalecimento do nosso Centro de Excelência em Inteligência Artificial, o Ceia, uma parceria do governo do estado com a Universidade Federal de Goiás. Isso começou com uma visão que o governador

(Ronaldo) Caiado teve, em 2019, da criação desse Centro de Excelência via a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás. Neste ano, o governador Daniel Vilela anunciou um conjunto de investimento expressivo para a nova fase do Ceia, que a gente está chamando de Ceia 2.0. Vão ser R\$ 78 milhões em cinco anos para pesquisa em áreas de fronteira da IA, arquitetura de agentes autônomos, carros autônomos, IA para ciências da vida e também IA para governo. Isso junto com outras iniciativas e uma delas vai ser replicar esse centro em outras instituições do estado. Essa é uma frente importante desses investimentos em infraestrutura computacional. O que é isso? Nós precisamos dos chips da GPU para treinar a IA. E o estado já investe nisso junto com o Ceia e vai seguir investindo. Eu diria que a primeira frente é essa, fortalecer e dar o próximo passo nesse centro, que já é o maior centro de aplicação de IA do Brasil, inclusive para um fortalecimento internacional. Na segunda frente, a gente amplia um pouco o espaço e vamos falar do Distrito de Inovação e Inteligência Artificial, lançado pelo governador Daniel Vilela, e que vai concentrar tanto empresas intensivas em tecnologia, quanto centros de pesquisa. E, de novo, o foco é inteligência artificial. Há outros distritos de inovação no Brasil, mas esse é o primeiro distrito de inteligência artificial que já nasce como um distrito de IA. É uma analogia com o Vale (do Silício, nos EUA), um paralelo, obviamente, salvo as proporções. Essa é a segunda frente. E a terceira é a aplicação de inteligência artificial no governo. Goiás saiu na frente com a parceria mais expressiva com o Google para a gente usar o motor da inteligência artificial do Google com os servidores,



São três eixos que vão consolidar Goiás como um dos principais, se não o principal polo de inteligência artificial do Brasil.

que irão ter até 20 mil licenças do Gemini, a IA do Google, para fazer um trabalho mais produtivo, automatizar tarefas rotineiras, repetitivas, documentais. A gente espera que no fim do dia o servidor consiga entregar mais para o cidadão. Resumindo, são estratégias em três eixos que vão consolidar o estado como um dos principais, se não o principal polo de inteligência artificial do Brasil.

Quando o senhor falou da comparação com o Vale do Silício, seria o Vale do Pequi?

Exatamente, é o nome carinhoso que a gente daria aqui, o nosso Vale do Pequi, o nosso aglomerado, a nossa concentração de empresas. Já lançamos o projeto, o Masterplan, e a pedra fundamental no Setor Leste Universitário, porque ali já tem a presença de duas grandes universidades, a Universidade Federal de Goiás e a PUC Goiás, e a parte de

talentos, de capital humano, é um pilar importantíssimo no distrito de inovação. Nós vamos construir uma sede para o Ceia no distrito, acho que vai ser importante, e temos também uma boa presença do Sistema S, Senai, a Fatesg, que é a unidade de ensino, o Senac inaugurou uma unidade tecnológica ali perto, o Sebrae está querendo ir para lá. Tem esses componentes que fizeram desse território o ideal para a gente fazer o distrito.

Ronaldo Caiado se orgulha muito de ter a marca da segurança pública. Dá para falar que tecnologia e inovação vai ser a principal marca dessa gestão, Daniel Vilela?

Eu não sei se a principal, mas eu diria que vai ser um dos focos, acho que uma das principais marcas. Eu entendo que o governador Daniel seguirá com uma prioridade grande para a segurança pública, vai seguir também com uma prioridade para a educação, para o social, mas ele vai realmente dar um foco em inovação. Até porque tem a ver com o próprio perfil dele. Enquanto parlamentar, ele foi responsável pela aprovação da legislação para a modernização das telecomunicações do Brasil, inclusive recebeu uma comenda do mérito científico, em Brasília. Ele vem já nessa trajetória. É jovem, também tem esse componente, é natural dar esse tom de inovação. E a gente aqui na secretaria fica feliz e tem trabalhado muito para atender essa expectativa. Eu acho que vai ser uma das marcas desta gestão, mas tem algumas áreas que o governador não vai deixar de priorizar, de pôr energia, como, por exemplo, a área da segurança pública. E uma coisa que o governador está trazendo para a segurança pública é a tecnologia, como a IA Contra o



Crime. Isso é um componente importante.

Como Goiás pode atuar para convencer investidores a investirem em tecnologia e inovação a partir de Goiás, considerando que existem polos importantes no país, em São Paulo e Florianópolis, por exemplo?

A principal aposta, a principal estratégia, o principal instrumento que vamos usar para o pessoal vir para cá é o seguinte: o governo vai financiar pesquisa e desenvolvimento das empresas aqui no estado. O que isso quer dizer? A empresa pode ter um serviço corriqueiro, industrial, ou mesmo um serviço normal, mas a parte de inovação, os projetos de inovação, a gente vai ajudar a financiar. O estado vai entrar com uma parte do recurso. Qual é a contrapartida? Esse projeto tem que ser feito junto a um polo, a uma instituição de ciência e tecnologia do estado. Por exemplo, o Ceia. Esse é um modelo que dá certo já, tem a Embrapii (Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial), um órgão ligado ao governo federal, já faz isso. Vamos destinar alguns milhões de reais para a empresa que topar vir para cá. Vamos supor, ela vai fazer um projeto de inovação, usar a IA para melhorar a entrega ou o meu produto. Esse projeto, a gente vai financiar parte dele. Essa é uma aposta bem inovadora, dado que não têm mais incentivos fiscais, isso está acabando por conta da reforma tributária. Há outros também. Um segundo atrativo é o talento. Nessa lógica de ter esses centros de pesquisa, vamos investir muito em formação de pessoas em computação, já estamos investindo em inteligência artificial. O Ceia, com esse projeto nosso, montou o primeiro bacharelado de IA do Brasil. Vamos financiar isso também em outros centros. E o terceiro ponto, que talvez seja menos direto, mas eu, dado que começamos agora, vale a pena mencionar, a gente começa a ver empresas escolhendo Goiás por conta da segurança, por ser um lugar seguro. Eu acho que todo mundo quer uma segurança para a pessoa, para a família, e a gente percebe uma sensação de insegurança em algum desses grandes centros, os

centros mais clássicos no Brasil. Mas eu diria que é isso, primeiro ponto: vamos ajudar, financiar a pesquisa e desenvolvimento feita no Estado por essas empresas; queremos dar a elas um acesso a talentos e também um ambiente seguro aqui.

Como o Brasil tem se desenvolvido diante desse avanço das inteligências artificiais? O governo federal tem trabalhado para promover as segmentações necessárias para que a IA possa ser explorada ao máximo. E o Brasil não corre risco de perder esse mercado junto ao mercado internacional?

Eu entendo que o Brasil está buscando, mas ainda não chegamos lá. No nível federal existem alguns esforços, o Plano Brasileiro de Inteligência Artificial. Sei que existem esforços específicos em algumas áreas. Em regulamentação, Goiás sai na frente, fez a primeira regulamentação de IA no Brasil, talvez não seja a primeira dos Estados, mas com certeza a mais relevante, e o governo federal agora está correndo com isso. Mas em termos de Brasil, acho que precisamos entender e definir qual vai ser nosso papel, qual vai ser nossa posição estratégica nessa corrida. Eu não vejo que o Brasil deva entrar na competição de investir bilhões e bilhões de reais para fazer esses modelos de linguagem natural, de onde vem, por exemplo, o chat GPT. Isso é para as big techs, as grandes empresas, ou a China com um volume de investimento estatal muito grande. O Brasil não consegue competir nessa seara. E não necessariamente também é um problema, mas acho que a gente precisa entender. Eu não sei, mas acho que esse bonde já passou. O Brasil pode se posicionar como referência para a aplicação da inteligência artificial em diferentes segmentos, como eu mencionei. Pode aplicar no governo, na indústria, na parte de biologia, que está tendo uma frente muito grande em relação a isso. A diretora do Ceia, professora Telma Soares, diz que o Brasil poderia investir em áreas em que nós temos uma vantagem de dados, como, por exemplo, biodiversidade. Dificilmente algum país vai ter a biodiversidade que o Brasil tem, é uma coisa que temos mais do que os outros, e podemos usar a IA, por exemplo, para mapear essa biodiversidade, para entender, buscar benefícios. Mas são coisas de aplicação e eu acho que tem um papel. A Coreia do Sul está um pouco nessa linha de aplicação. Eu entendo que a posição do Brasil e a posição de Goiás não é tanto ir na fronteira dos modelos, isso exige bilhões e bilhões e não acho que a gente está no jogo, sendo muito franco. Mas a gente pode estar no jogo,

sim, da aplicação. Aplicação e integração com o que a gente faz. E isso eu entendo que a gente deve fazer e Goiás está fazendo.

Goiás já utiliza IA na segurança pública e o meio ambiente também usa um sistema de inteligência artificial próprio. Quais as outras áreas que o Estado pretende investir nos próximos anos para implantar ainda mais a IA?

Temos muitas possibilidades. Mencionamos segurança, educação é uma área também interessante, meio ambiente, como você mencionou. As possibilidades são enormes. Tem também o uso da IA para dentro da máquina pública, para modernizar processos, desburocratizar a parte de gestão também é uma área importante, pode estar também no trânsito. Eu estava esquecendo um negócio importante, que já está sendo usado, a IA na saúde. O governador anunciou uma parceria importante com o Google para o uso da inteligência artificial no apoio do combate ao câncer. O hospital Cora vai ser o primeiro hospital público do mundo a usar uma ferramenta nova do Google chamada Capricórnio para apoiar os médicos nos diagnósticos. Na saúde tem muita coisa já sendo feita pela própria Secretaria de Saúde, e me parece um campo interessante.

Goiás tem sido apontado um destino para grandes data centers. Mas há uma discussão sobre o consumo de água e energia dessas estruturas. Como equilibrar o desenvolvimento, a tecnologia e essa questão da sustentabilidade?

Temos que buscar os data centers e os modelos que são sustentáveis, e já tem. Há diferentes tipos de maquinário com uso e reuso de energia. É uma discussão que está acontecendo no mundo inteiro e eu entendo que as empresas de data centers estão olhando para isso também, com um olhar especial. As últimas evidências - que eu tenho visto, pelo menos - têm mostrado um benefício positivo no saldo nos lugares que são instalados os data centers. Por mais que tenha uma demanda de energia, tem um saldo positivo de emprego, de economia, de crescimento, mas tem que ter esse cuidado. Esse cuidado é importante, não pode também instalar um data center em um lugar e consumir a energia da cidade. A ideia é pensar em lugares que estão próximos de usinas, e até a geografia disso é pensada de forma a facilitar o uso da energia.

O estado possui um estudo de impacto que esses empreendimentos que vão ser instalados podem causar nessa questão hídrica?



Foto: Divulgação



Daniel Vilela fará da inovação uma das principais marcas de seu governo.

O que eu sei é que o estado tem um estudo sobre lugares com maior potencial para receber o data center. Isso o estado tem.

Em março, numa entrevista que o presidente do Instituto Mauro Borges, Erik Figueiredo, concebeu à Tribuna do Planalto, ele antecipou que há estudos de implantação para até o final deste ano, de três data centers em Goiás.

Mas isso ainda está em estudo. Até onde eu sei, isso não foi ainda confirmado. Mas é ótimo. É isso mesmo.

Há um receio de que a expansão da IA possa eliminar empregos. Como é que Goiás está se preparando para esse cenário e também para preparar trabalhadores para profissões que ainda talvez nem existam?

A gente precisa estar preparado, e para preparar, precisamos preparar a nossa sociedade, preparar os nossos trabalhadores para isso, desde os futuros trabalhadores a serem formados em tecnologia e IA, mas também os atuais no trabalho de transição de carreira, apoiar uma requalificação em tecnologia. Isso é um ponto importante e a gente está se preparando para isso. Nós temos

aqui, para você ter noção, até projetos com idosos, com mais de 60 anos em que eles aprendem a usar tecnologia básica, inclusive entra até o pequeno módulo de inteligência artificial. Outro ponto, é que essa discussão de perda emprego não está ainda comprovada. Sinceramente, com certeza, vão ter trabalhos que vão acabar com a IA, mas no saldo, outros salários podem ser criados. Na verdade, as primeiras evidências que estão saindo é que no saldo, as empresas, os setores que estão sendo mais intensivos, a turma está crescendo, porque cresce a produtividade, cresce a economia e tudo. Eu acho que tem um receio, até porque a gente tem visto grandes empresas de tecnologia demitindo a rodo os funcionários, mas, na verdade, muitos dos casos não é por conta da IA. Eles até usam a IA como justificativa, mas é porque eles atacaram muito lá atrás, na época da pandemia, apostaram em contratações e agora não deu certo, e eles estão despedindo as pessoas. Mas eu acho que a gente tem que ser cauteloso, porque as evidências não são óbvias de que, no final das contas, vamos perder empregos. Eu acho que a gente vai perder alguns tipos de emprego, mas isso não está determinado. Temos que acompanhar.

Não há risco, por exemplo, de servidores públicos serem substituídos por IA?

Eu não vejo, não. Eu acho que pode ter algumas funções específicas, mas que no final das contas, o que vai acontecer é que alguns tipos de tarefas vão ser feitas pela IA. O que é ótimo, porque o servidor fica mais livre para fazer o que, de fato, ele entende. Na educação, a pessoa está lá na ponta, dando aula na secretaria, fazendo política educacional, na saúde, interação com o paciente, que é só o ser humano pode fazer ou faz melhor. Eu entendo dessa forma.



O Distrito de Inteligência Artificial é o nosso Vale do Pequi.

Empreendedorismo / Futuro

Startups impulsionam tecnologia em Goiás

Grupos goianos ganham espaço nacional, amadurecendo ecossistema de inovação do estado, impulsionados por inteligência artificial, empreendedorismo, universidades e instituições de apoio

» Carlos Nathan Sampaio

O momento que Goiás vive é de consolidação como polo emergente de tecnologia e inovação no Brasil. Prova disso é o avanço de startups goianas em premiações nacionais, o fortalecimento de ambientes de pesquisa e desenvolvimento, a expansão da inteligência artificial e a aproximação entre universidades, empresas, in-

vestidores e poder público têm contribuído para transformar o estado em um ambiente cada vez mais favorável ao empreendedorismo tecnológico.

O mais recente exemplo desse movimento veio com o Prêmio Sebrae Startups 2026. Após reunir mais de 2,6 mil empresas de todo o país, a competição colocou quatro startups goianas entre as 100 mais promissoras do Brasil: Almob Sistemas, BioTiers Pesquisa e Treinamento, ITA Mob e Moovz.



Foto: Divulgação

A startup Moovz foca na promoção da atividade física conectando usuários, profissionais e serviços relacionados à saúde por meio de recursos tecnológicos

Posteriormente, duas delas — Almob e ITA Mob — avançaram ainda mais e chegaram à seleti-

va das Top 30, resultado que evidencia o amadurecimento do ecossistema estadual.

Segundo Ivana Xavier, coordenadora de Inovação do Sebrae Goiás, o desempenho alcançado pelas empresas representa muito mais do que boas colocações em uma premiação nacional. Para ela, trata-se do reflexo de anos de construção de um ambiente colaborativo voltado à inovação.

“O amadurecimento do ecossistema de inovação em Goiás é resultado de um trabalho articulado entre governo, universidades, empresas, investidores e instituições de apoio ao empreendedorismo. Iniciativas como o Pacto Goiás pela Inovação fortaleceram essa governança colaborativa, criando um ambiente favorável ao desenvolvimento e à escalabilidade de startups”, afirma.

Ela destaca ainda que Goiás passou a incorporar a inovação como estratégia de desenvolvimento econômico, aproveitando vocações já consolidadas em setores como agronegócio, saúde, indústria e logística, além de ampliar investimentos em inteligência artificial com o protagonismo do Centro de Excelência em Inteligência Artificial (CEIA).

Diversidade tecnológica impulsiona o estado

O perfil das startups classificadas demonstra que a inovação em Goiás não está concentrada em um único segmento. As empresas desenvolvem soluções para áreas distintas da economia, sempre buscando resolver problemas reais do mercado.

A Almob Sistemas, de Goiânia, desenvolve uma plataforma para gestão inteligente de almoxarifados em

canteiros de obras. A solução digital utiliza reconhecimento facial, rastreabilidade de materiais, controle de equipamentos e integração com sistemas de gestão empresarial, ajudando construtoras a reduzir perdas, aumentar a produtividade e melhorar o controle operacional. Atualmente, a plataforma atende centenas de obras em diferentes estados brasileiros.

Na área da saúde, a BioTiers atua em pesquisa, desenvolvimento e treinamento voltados à biotecnologia e inovação biomédica, buscando aproximar ciência e aplicações práticas para o setor. Também na categoria Saúde e Biomedicina aparece a Moovz, plataforma digital focada na promoção da atividade física e do bem-estar, conectando usuários, profissio-

nais e serviços relacionados à saúde por meio de recursos tecnológicos.

Já a ITA Mob representa o segmento de logística e mobilidade. A empresa desenvolve soluções digitais para tornar a gestão da mobilidade mais eficiente, utilizando tecnologia para conectar serviços e otimizar processos de deslocamento de pessoas e operações logísticas.

Para Ivana Xavier, essa diversidade é uma das maiores fortalezas do estado. Segundo ela, as startups goianas refletem o crescimento de áreas como serviços digitais, inteligência artificial, sustentabilidade, educação, produtividade industrial, saúde, logística e agronegócio, demonstrando capacidade de desenvolver soluções escaláveis para mercados nacionais.

Inteligência artificial transforma os negócios

A rápida evolução da inteligência artificial também alterou profundamente o perfil das startups brasileiras. Em Goiás, esse movimento já é percebido em praticamente todos os segmentos tecnológicos.

Segundo Ivana, a IA deixou de ser um diferencial competitivo para se tornar

uma ferramenta indispensável. “Hoje praticamente toda startup precisa entender como utilizar inteligência artificial para aumentar produtividade, personalizar serviços, reduzir custos e gerar novas experiências para seus clientes. Mais importante do que criar empresas de inteligência

artificial é construir empresas inteligentes, capazes de incorporar IA para resolver problemas concretos de forma mais eficiente”, afirma.

Essa mudança também acompanha uma tendência mundial de digitalização acelerada dos processos produtivos, permitindo que em-

presas menores desenvolvam soluções sofisticadas utilizando recursos tecnológicos antes restritos às grandes corporações.

Apesar da evolução, o ecossistema goiano ainda enfrenta obstáculos para competir em igualdade com estados tradicionalmente reconhecidos pela inovação, como São

Paulo, Santa Catarina e Minas Gerais. Entre os principais desafios estão a ampliação do acesso ao capital de investimento, a internacionalização das empresas, a formação de talentos especializados e a criação de conexões estratégicas capazes de acelerar o crescimento das startups.

Reconhecimento fortalece imagem de Goiás

A classificação das startups goianas no Prêmio Sebrae Startups também possui um importante efeito institucional. Além da visibilidade nacional, as empresas passam a integrar um ambiente de relacionamento com investidores, grandes empresas, universidades e fundos de venture capital durante o

Startup Summit 2026, considerado um dos maiores eventos de inovação da América Latina. A expectativa é que esse reconhecimento facilite novas parcerias comerciais, acelere a expansão das empresas e fortaleça a imagem de Goiás como um ambiente competitivo para o desenvolvimento de negócios inovadores.

Para os próximos cinco anos, Ivana Xavier acredita que o estado deverá consolidar sua posição entre os principais ecossistemas emergentes do país. “A expectativa é que Goiás consolide sua posição como um dos principais ecossistemas emergentes de inovação do Brasil. Devemos ver um aumento significativo no

número de startups escalando nacionalmente, maior atração de investidores e uma integração cada vez maior entre inovação e os setores econômicos mais fortes do estado”, projeta.

Ela acrescenta que inteligência artificial, transformação digital da indústria, agronegócio, saúde e sustentabilidade

deverão liderar essa nova etapa do desenvolvimento tecnológico goiano. Mais do que criar novas startups, o objetivo passa a ser construir empresas sólidas, capazes de gerar empregos qualificados, atrair investimentos e contribuir para transformar a economia estadual por meio da inovação.

Infância

Violência contra crianças e adolescentes explode no país

Registros do Disque 100 e do Ministério da Saúde apontam aumento de 125% em denúncias em cinco anos; Goiás segue a tendência

» Carla Borges

Os casos recentes de maus-tratos contra crianças e adolescentes, como o do menino de 10 anos resgatado de um apartamento imundo no Setor Faicalville, em Goiânia, o do adolescente de 13 que era mantido acorrentado em Anápolis, e das duas meninas, de 2 e 5 anos, encontradas sozinhas em uma casa em Goiânia, são a face terrível de situações cujo registro tem crescido de forma assustadora. Dados do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, obtidos por meio do Disque 100, e do Ministério da Saúde apontam um crescimento superior a 120% nas denúncias de crimes contra jovens nessa faixa etária. Em Goiás, o aumento percentual foi ainda maior, saindo de 2.591 casos notificados ao Disque 100, em 2021, para 8.973 em 2025, um aumento de 246%. Neste ano, até a data de 19 de julho, foram registrados 6.224 casos de violência contra crianças e adolescentes.

A situação, no entanto, é mais grave do que os números frios indicam. É consenso entre os estudiosos do assunto e agentes públicos que atuam no atendimento das vítimas que há subnotificação dos casos. Isso porque a maioria acontece onde deveria estar a proteção: dentro da própria casa. De acordo com as estatísticas nacionais, em 34% das notificações houve participação da mãe como autora da violência, en-

quanto o pai esteve envolvido em 26% dos registros. A violência contra crianças e adolescentes supera a praticada contra mulheres, idosos, pessoas com deficiência, em situação de rua e LGBTQIA+ (veja quadro).

Titular da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA) de Anápolis, a delegada Aline Rodrigues Lopes Martins Cardoso avalia que há subnotificação e que ela deve ser combatida com in-

Perfil da violência em Goiás

Ano 2026*

Total de denúncias	12.892
Violência contra a mulher	1.922
Violência contra criança ou adolescente	6.224
Violência contra pessoa idosa	3.225
Violência contra pessoa com deficiência	2.805
Violência contra população LGBTQIA+	634
Violência contra pessoa em situação de rua	82

Ano 2025

Total de denúncias	19.776
Violência contra a mulher	2.760
Violência contra criança ou adolescente	8.973
Violência contra pessoa idosa	5.234
Violência contra pessoa com deficiência	4.032
Violência contra população LGBTQIA+	632
Violência contra pessoa em situação de rua	112

Ano 2025

Total de denúncias	9.065
Violência contra a mulher	2.375
Violência contra criança ou adolescente	2.591
Violência contra pessoa idosa	1.930
Violência contra pessoa com deficiência	334
Violência contra população LGBTQIA+	50
Violência contra pessoa em situação de rua	112

*De 01/01/2026 a 19/07/2026

Fonte: Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania - Disque 100

formação. “Como esses crimes acontecem no âmbito familiar, dependemos de denúncias, seja de outros familiares ou outras pessoas”, explica a delegada, acrescentando que essa situação dificulta a própria atuação da polícia para proteger as víti-

mas. “Dificulta porque as famílias não querem que a polícia entre no caso e que os familiares sejam expostos”, relata.

Com isso, os agentes públicos dependem da denúncia de vizinhos e da rede de proteção, como a escola. “En-



Irmãs, de 2 e 5 anos, foram encontradas sozinhas em uma casa no setor Amim Camargo, em Goiânia, após denúncia anônima

frentamos a situação da subnotificação específica levando informação. Quando um caso é solucionado e é exposto na mídia, seja uma prisão, seja a conclusão de um inquérito, mostramos que a polícia está ali, que a rede de proteção está ali e que realmente dependemos da denúncia para conseguir agir e literalmente salvar a vida de uma criança”, pontua Aline.

A delegada diz que o caso do adolescente autista que estava sendo agredido e mantido acorrentado pelos familiares só foi descoberto graças à denúncia de um vizinho. “Se esse vizinho não tivesse tido essa coragem, provavelmente esse menino estaria preso até hoje ou então logo nós teríamos uma tragédia devido às condições em que ele era mantido”, testemu-

nha. Para a delegada, o caminho é a conscientização de crianças e adolescentes, com palestras em escolas, levando informação.

“Com isso, a gente conscientiza as próprias crianças, os próprios adolescentes, eles conseguem identificar a situação que estão vivendo. E isso é viável também para adultos, seja em uma palestra em uma empresa ou através da mídia, sempre quando levamos informação, levamos também a oportunidade para que casos assim sejam levados ao conhecimento da polícia, investigados e os responsáveis responsabilizados”, observa Aline. “E na medida que levamos a responsabilização, mostramos que a polícia está ali, que o poder público está ali e tira um pouco a sensação de impunidade, fortalecendo a coragem das vítimas e das testemunhas para denunciarem outros fatos”

Quando um caso é solucionado e é exposto na mídia, seja uma prisão, seja a conclusão de um inquérito, mostramos que a polícia está ali, que a rede de proteção está ali.

Aline Rodrigues Lopes Martins Cardoso, delegada titular da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA) de Anápolis

Mais pessoas rompem o silêncio e denunciam, mas problema é estrutural

O aumento das denúncias de violência contra crianças e adolescentes pode significar ao mesmo tempo que a violência está sendo mais identificada e que as pessoas estão rompendo o silêncio e denunciamos. A análise é do estudante de Pedagogia Heiler Ferreira de Melo, membro do Fórum Goiano de Enfrentamento da Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes. “O que sabemos também é que a violência continua sendo um dos principais fatores que interrompem a trajetória e a vida de vários crianças e adolescentes”, afirma.

Heiler pondera que é preciso ter cuidado para não analisar a realidade apenas a partir dos casos que ganham repercussão nacional e justifica que a violência contra crianças e adolescentes é um problema estrutural e muitas das situações permanecem invisíveis. “A violência também ocorre com frequência dentro de casa, em um espaço de dependência, gerando medo, silêncio. Muitas das vezes também a criança depende emocional e economicamente do próprio agressor, o que pode dificultar reconhecer algo

como violência, romper essa situação e esse silêncio”, esclarece.

O estudante cita dados do Atlas da Violência, do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea), que mostram que de 2013 a 2023, 67,8% dos casos de violência entre crianças de 0 a 4 anos acontecem dentro de casa, assim como 65,9% dos que envolvem crianças e adolescentes de 5 a 14 anos também. “O tipo de violência vai variar e há muitos casos que não chegam a ser denunciados e são até silenciados, motivo pelo qual a prevenção precisa ser fortalecida,

não podemos esperar que a violência aconteça para depois agir, por isso mesmo a importância de fazer essa formação também com a criança e também com os adultos sobre a violência”, avalia.

Para Heiler, o primeiro desafio para enfrentar situação e mudar essa realidade, é romper a cultura do silêncio. “Muitas das violências continuam acontecendo porque as pessoas não sabem identificar os sinais ou têm medo de denunciar”, diz. O segundo é fortalecer a prevenção. “A proteção não pode começar

somente depois da denúncia”, alerta, acrescentando que é preciso integrar as políticas públicas. “A violência contra nossas crianças e adolescentes não é apenas um problema de segurança pública, mas também envolve saúde, educação, assistência social, desigualdade, racismo, gênero, deficiências e condições econômicas”, enumera. Outras medidas necessárias são garantir orçamento para as políticas públicas e garantir que as crianças e adolescentes sejam ouvidos e considerados sujeitos de direitos.

A estratégia de Marconi para voltar ao Palácio das Esmeraldas

Após quatro mandatos, ex-governador percorre o interior, reivindica programas, compara governos e enfrenta fissuras na tentativa de voltar ao Palácio das Esmeraldas

» Domingos Ketelbey

O ex-governador Marconi Perillo atravessa Goiás olhando para trás. Em cada passagem pelo interior, aponta uma obra, cita um programa, recorda uma indústria ou pergunta o que mudou desde que deixou o Palácio das Esmeraldas. Em pouco mais de dois meses, percorreu 151 dos 246 municípios goianos. Não viaja apenas para apresentar o que pretende fazer, mas também para lembrar o que afirma já ter feito.

A estratégia se apoia numa palavra repetida na pré-campanha: comparação. Marconi quer que o eleitor coloque lado a lado seus quatro governos e o ciclo iniciado por Ronaldo Caiado, agora continuado por Daniel Vilela. O ataque raramente começa pelo adversário. Parte de um hospital, de uma escola, de uma unidade do Vapt Vupt, de uma estrada ou de algum programa criado durante suas administrações.

“Na hora da comparação, o povo sabe separar promessa de resultado. Quem já fez, sabe fazer”, afirmou durante passagem por Uruaçu. A frase resume o argumento central da candidatura. Depois de quatro mandatos, Marconi não pode se apresentar como novidade. Tenta converter experiência em contraste e memória administrativa em plataforma eleitoral.

Em 1998, a operação era inversa. Aos 35 anos, Marconi derrotou Iris Rezende apresentando-se como o rosto de uma nova geração. O “Tempo Novo” organizava o personagem: o deputado jovem que enfrentava o político mais poderoso de Goiás e prometia romper com a ordem estabelecida.

A vitória abriu um ciclo de duas décadas. Marconi governou entre 1999 e 2006, retornou em 2011 e permaneceu no Palácio das Esmeraldas até abril de 2018. No intervalo, foi senador. Ao redor dele formou-se uma estrutura de prefeitos, deputados, secretários e sucessores. O marconismo passou a organizar parte da política goiana.

É esse período que o ex-governador procura recolocar

no debate. Nas viagens, reivindica programas como Vapt Vupt, Bolsa Universitária, Renda Cidadã e Banco do Povo. Recorda a criação da Universidade Estadual de Goiás, hospitais, rodovias, escolas e a instalação de empresas no interior.



Na hora da comparação, o povo sabe separar promessa de resultado. Quem já fez, sabe fazer.

A mensagem não é apenas que governou. É que parte do Estado atual ainda funcionaria sobre estruturas erguidas durante suas administrações.

Quando um programa continua bem avaliado, Marconi reivindica a autoria. Quando o serviço apresenta falhas, acusa os sucessores de terem enfraquecido aquilo que receberam. A UEG, o Ipasgo e a regulação da saúde aparecem como áreas que, segundo ele, perderam qualidade.

Em vez de atacar frontalmente Caiado, concentra as críticas em setores específicos. Fala em piora na saúde, perda salarial de servidores, dificuldades na educação e redução dos investimentos. O método permite atingir o grupo caiadista sem ignorar a aprovação do ex-governador e mirar Daniel, responsável por defender a continuidade.

Há um risco nessa escolha. Quanto mais Marconi convida o eleitor a rever suas administrações, mais abre espaço para que também sejam revisitados os problemas. Quatro mandatos oferecem um arquivo amplo de obras e programas, mas também de crises, denúncias, desgaste político e decisões contestadas.

O passado recente impõe outros limites. Em 2018, Marconi deixou o governo para

disputar o Senado e terminou fora das duas vagas. Em 2022, tentou novamente e foi derrotado por Wilder Moraes. Entre uma eleição e outra, viu antigos aliados migrarem para Caiado, o PSDB perder prefeitos e o grupo que comandou o Estado passar à oposição. As duas derrotas seguidas e uma operação em meio à eleição de 2018 trouxeram desgastes quase que incontornáveis ao ex-governador.

As viagens cumprem uma segunda função e tentam contornar todas as crises. Além de reivindicar obras, Marconi reencontra antigos aliados, testa resistências e tenta recuperar redes dispersadas depois de 2018. Cada reunião funciona como ato de pré-campanha e inventário do que restou do marconismo em cada região. A reconstrução, porém, encontrou fissuras.

O estrategista Marcelo Vitorino deixou o projeto tucano após participar da formulação inicial da pré-campanha. Em ato contínuo, assumiu a comunicação do senador Wilder Moraes, adversário que disputa com Marconi uma parcela importante do eleitorado de oposição.

Vitorino participou das discussões sobre posicionamento, discurso e vulnerabilidades da candidatura tucana. Agora, leva essa experiência para um concorrente que já derrotou Marconi nas urnas e tenta se consolidar no campo conservador.

O episódio não desmonta a candidatura, mas expõe uma dificuldade. Enquanto Marconi tenta recuperar aliados e reconstruir capilaridade, precisa reorganizar a comunicação e assistir a um adversário incorporar uma peça que conhecia o desenho de sua campanha.

A disputa com Wilder também impede que o tucano concentre todos os ataques em Daniel. Para chegar ao se-

gundo turno, Marconi precisa enfrentar a estrutura do Palácio das Esmeraldas e impedir que o senador ocupe sozinho o espaço de oposição.

A recomposição passa ainda pelo PSDB. Em Goiás, Marconi abriu as portas para novas filiações e buscou nomes capazes de oferecer voto, estrutura ou simbolismo. A chegada de Flávia Teles, viúva de Maguito Vilela, foi escolhida para demonstrar que o projeto pretende ultrapassar as fronteiras tradicionais do tucanato.

A filiação produziu repercussão, mas não alterou a vantagem estrutural de Daniel, que reúne a máquina estadual, a maior parte dos prefeitos e uma aliança partidária.

Marconi tenta compensar a desvantagem com presença física, memória eleitoral e discurso de experiência. Ao ser questionado sobre a idade e a longa permanência na vida pública, respondeu: “Eu não envelheci, amadureci”.

O tempo, que em 1998 servia para distingui-lo de Iris Rezende, agora precisa ser apresentado como acúmulo, não como desgaste.

A pré-campanha começou a acrescentar propostas novas ao inventário. Marconi passou a falar em inteligência artificial, tratamento de resíduos, mobilidade na Região Metropolitana e manutenção dos incentivos fiscais. Até aqui, porém, essas ideias ocupam menos espaço do que o resgate das antigas gestões.

Esse desequilíbrio revela sua principal dificuldade. Marconi possui realizações suficientes para organizar um discurso, mas ainda precisa apresentar uma razão contemporânea para governar pela quinta vez. A lembrança pode reativar vínculos com parte do eleitorado, mas não substitui um projeto para um Estado diferente daquele que encontrou em 1998.

Goiás cresceu, urbanizou-se e produziu uma nova geração de eleitores. Parte deles não viveu os primeiros governos tucanos. Outros acompanharam apenas o desgaste final do grupo. Marconi precisa falar com os que sentem saudade de suas administrações sem limitar a candidatura a uma tentativa de restauração.

Em 1998, pediu aos goianos que deixassem o passado para trás. Em 2026, percorre o Estado pedindo que se lembrem dele, mesmo diante de inúmeros desgastes e fissuras. O político que chegou ao poder como futuro agora disputa o significado da própria história.



Eu não envelheci, amadureci.

Orçamento

Municípios goianos recebem R\$ 3,7 bilhões de FPM no primeiro semestre eleitoral

Repases cresceram 9,3% em relação ao mesmo período de 2025 e acrescentaram quase R\$ 315 milhões ao caixa das prefeituras

» Lucas de Godoi

Os 246 municípios goianos receberam R\$ 3,69 bilhões do Fundo de Participação dos Municípios (FPM) entre janeiro e junho de 2026. O volume representa crescimento nominal de 9,3% em relação ao mesmo período do ano passado, quando os repasses somaram R\$ 3,37 bilhões.

O levantamento da **Tribuna do Planalto**, realizado com dados do Tesouro Nacional, mostra que as prefeituras receberam R\$ 314,9 milhões a mais neste primeiro semestre. O avanço ocorre em um ano de eleições gerais, no qual os prefeitos ocupam posição estratégica nas articulações políticas locais, mas não resulta de uma liberação discricionária do governo federal.

O FPM é uma transferência constitucional formada por parcelas da arrecadação do Imposto de Renda e do Imposto sobre Produtos Industrializados. O dinheiro é distribuído automaticamente conforme coeficientes definidos para cada município, levando em consideração critérios como população e enquadramento legal.

Apesar do crescimento, o presidente da Federação Goiana dos Municípios (FGM) e prefeito de Jaraguá, Paulo Víctor Avelar, afirma que a situação financeira das administrações locais continua marcada pela dependência

dos recursos transferidos pela União e pelo Estado.

“Goiás tem 246 municípios e menos de 10% são autônomos financeiramente com os impostos municipais. Somos totalmente dependentes do FPM e dos repasses de ICMS do Estado e da União. As pessoas moram e convivem nos municípios. Se não tem remédio, se tem buraco ou se não tem merenda na escola, ninguém vai atrás da União. As pessoas vão atrás do prefeito e do vereador”, declarou em entrevista à **Tribuna do Planalto**.

Segundo ele, a concentração da arrecadação na União contrasta com a responsabilidade atribuída às prefeituras pela prestação direta dos serviços. Avelar sustenta que a maior parte dos municípios consegue pagar despesas obrigatórias e manter a estrutura administrativa, mas encontra pouco espaço para realizar investimentos com recursos próprios.



Foto: Joabe Mendonça

Goiânia liderou recebimento de recursos do FPM no primeiro semestre, com R\$ 586 milhões

Fevereiro lidera repasses

Os dados mensais mostram que fevereiro concentrou o maior repasse do semestre, com R\$ 754,9 milhões. Junho aparece em seguida, com R\$ 686,3 milhões, enquanto maio registrou R\$ 651,4 milhões. Janeiro somou R\$

600,4 milhões, abril, R\$ 538,2 milhões, e março, R\$ 457,1 milhões.

O maior crescimento proporcional ocorreu em janeiro. O valor passou de R\$ 523,4 milhões em 2025 para R\$ 600,4 milhões neste ano, alta de 14,7%. Em abril, o aumento foi de 14,5%, e em junho, de 11,5%.

Março foi o único mês em que houve recuo nominal. As transferências diminuíram de R\$ 462,5 milhões para R\$ 457,1 milhões, queda de 1,2%.

Paulo Víctor Avelar avalia que o problema não está apenas no volume transferido, mas na divisão das responsabilidades entre os entes da Federação. Para ele, decisões tomadas em Brasília frequentemente criam novas despesas para os municípios sem estabelecer uma fonte permanente de financiamento.

“Criam-se pautas toda semana no Congresso. Nós não somos contra piso de professor, de administrativo ou de agente de saúde. Todos merecem, desde que indiquem de onde virá o recurso. Votam medidas em períodos eleitorais e a conta chega no colo da prefeitura sem responsabilidade sobre de onde vamos retirar esse dinheiro”, disse.

Na avaliação do presidente da FGM, o cenário é ainda mais restritivo nas pequenas cidades, onde a arrecadação própria de IPTU, ISS e ITBI é insuficiente para financiar a prestação dos serviços e a expansão da infraestrutura.

Os valores disponibilizados pelo Tesouro Nacional já estão descontados da parcela de 20% destinada ao Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica, o Fundeb.

Comparativo dos valores recebidos pelos municípios em 2025 e 2026

Mês	2025	2026	Varição
Janeiro	R\$ 523,4 mi	R\$ 600,4 mi	14,7%
Fevereiro	R\$ 702,3 mi	R\$ 754,9 mi	7,5%
Março	R\$ 462,5 mi	R\$ 457,1 mi	-1,2%
Abril	R\$ 470,0 mi	R\$ 538,2 mi	14,5%
Maio	R\$ 599,5 mi	R\$ 651,4 mi	8,7%
Junho	R\$ 615,8 mi	R\$ 686,3 mi	11,5%
Total	R\$ 3,37 bi	R\$ 3,69 bi	9,3%

Fonte: Tesouro Nacional

Dez municípios concentram 46,6% dos repasses em Goiás

Os dez municípios que mais receberam recursos do Fundo de Participação dos Municípios em Goiás concentraram R\$ 1,72 bilhão no primeiro semestre de 2026. O valor corresponde a 46,6% de todo o FPM transferido às prefeituras goianas entre janeiro e junho.

Goiânia ocupa a primeira posição, com R\$ 586 milhões. Sozinha, a capital recebeu 15,9% do total estadual e mais de três vezes o volume destinado a Aparecida de Goiânia, segunda colocada, com R\$ 165,1 milhões.

Águas Lindas de Goiás aparece em terceiro lugar, com R\$ 136,3 milhões, segui-

da por Luziânia, com R\$ 132,2 milhões, e Anápolis, com R\$ 130,2 milhões.

Rio Verde recebeu R\$ 124,8 milhões e ficou pouco acima de Valparaíso de Goiás, que acumulou R\$ 124,3 milhões. Senador Canedo aparece na oitava posição, com R\$ 113,7 milhões, seguido por Planaltina, com R\$ 106,1 milhões, e Trindade, com R\$ 100,2 milhões.

A presença do Entorno do Distrito Federal se destaca no levantamento. Águas Lindas, Luziânia, Valparaíso e Planaltina receberam juntas R\$ 498,9 milhões, o equivalente a 13,5% de todo o FPM

destinado aos municípios de Goiás no semestre.

O ranking não corresponde necessariamente à lista das dez maiores economias municipais do Estado. A distribuição do FPM segue coeficientes legais e critérios populacionais, além de possuir regras específicas para capitais e municípios do interior.

Em valores absolutos, as cidades mais populosas tendem a aparecer nas primeiras posições. Nos pequenos municípios, porém, o FPM costuma representar uma fatia maior da receita disponível, devido à menor capacidade de arrecadação própria.

Municípios que mais receberam

Posição	Município	Valor
1º	Goiânia	R\$ 586,0 milhões
2º	Aparecida de Goiânia	R\$ 165,1 milhões
3º	Águas Lindas de Goiás	R\$ 136,3 milhões
4º	Luziânia	R\$ 132,2 milhões
5º	Anápolis	R\$ 130,2 milhões
6º	Rio Verde	R\$ 124,8 milhões
7º	Valparaíso de Goiás	R\$ 124,3 milhões
8º	Senador Canedo	R\$ 113,7 milhões
9º	Planaltina	R\$ 106,1 milhões
10º	Trindade	R\$ 100,2 milhões
Total:		R\$ 1,72 bilhão

Fonte: Tesouro Nacional

Saúde

Cobertura vacinal infantil avança em Goiás e principais imunizantes registram alta

Estado amplia índices de vacinação entre 2023 e 2025, com destaque para BCG, meningocócica C e pentavalente; resultado acompanha recuperação observada em todo o país

» Arthur Oliveira*

Goiás vem ampliando a cobertura vacinal infantil nos últimos anos e acompanha a tendência nacional de recuperação da imunização. Dados da Secretaria de Estado da Saúde (SES-GO) mostram que, entre 2023 e 2025, as principais vacinas do calendário infantil apresentaram crescimento, impulsionado por campanhas, busca ativa de crianças não vacinadas e ações em parceria com os municípios.

O avanço ocorre no momento em que um relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) aponta que o que o Brasil deixou de integrar a lista das 20 nações com maior número de crianças “zero-dose”, ou seja, aquelas que não receberam nem a primeira dose

da vacina pentavalente. Entre 2023 e 2025, o número dessas crianças caiu de 360 mil para 50 mil em todo o país.

Em Goiás, a vacina pentavalente, que protege contra difteria, tétano, coqueluche, hepatite B e infecções causadas pela bactéria *Haemophilus influenzae* tipo b, passou de 79,77% de cobertura em 2023 para 84,97%

em 2025, crescimento de 5,2 pontos percentuais. Já a vacina contra a poliomielite também apresentou evolução, saindo de 82,84% para 85,02% no mesmo período.

Já a primeira dose da tríplice viral, que protege contra sarampo, caxumba e rubéola, atingiu seu melhor resultado em 2024, quando alcançou

89% de cobertura. Em 2025, o índice recuou para 86,65%, mas permaneceu acima dos 85,48% registrados em 2023.

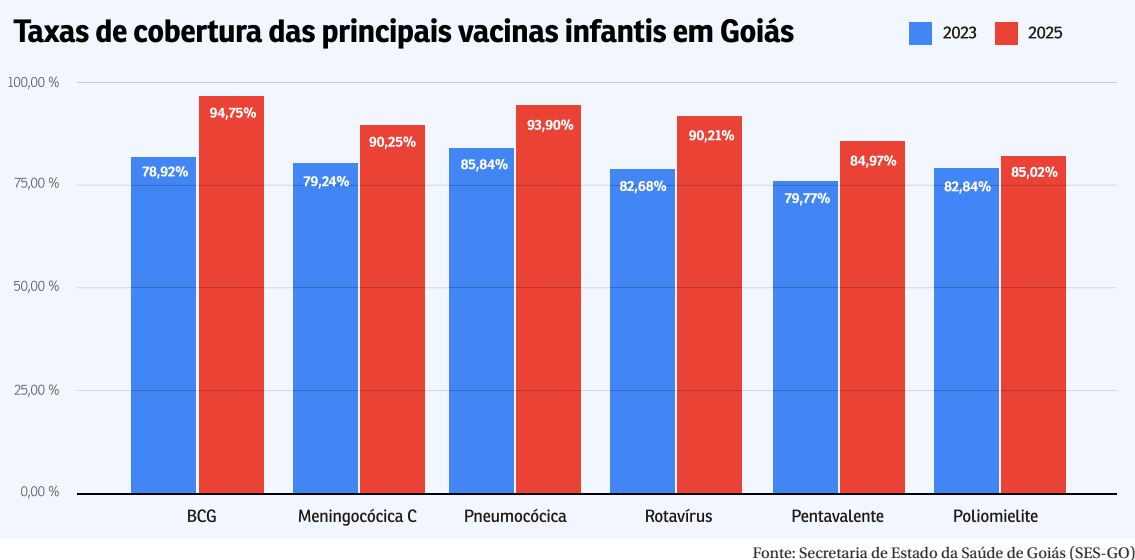
Entre todos os imunizantes do calendário infantil, a maior evolução foi registrada pela vacina BCG. A cobertura saltou de 78,92% em 2023 para 94,75% em 2025, um crescimento de 15,83 pontos

percentuais. Também apresentaram avanços expressivos a meningocócica C, que passou de 79,24% para 90,25%; a pneumocócica 10-valente, de 85,84% para 93,90%; e a vacina contra o rotavírus humano, que subiu de 82,68% para 90,21%.

Segundo a SES-GO, a melhora dos indicadores é resultado de estratégias como a vacinação extramuros, realizada por meio das Vans da Vacina, a intensificação da busca ativa de crianças não vacinadas, a utilização da plataforma Imuniza Goiás e ações permanentes de orientação e sensibilização da população sobre a importância da imunização.

Apesar dos avanços, a SES informou que ainda não possui dados consolidados sobre o número de crianças “zero-dose” em Goiás. Como indicativo da recuperação da vacinação, a pasta destacou o crescimento da cobertura da pentavalente. Em 2026, considerando os dados parciais de janeiro a maio, a cobertura desse imunizante está em 82,86%, e a expectativa é que o índice aumente até o fechamento do ano.

*Arthur Oliveira é estagiário sob supervisão de Andréia Bahia.



**“Agora tem
asfalto novo
na porta de casa.”**

**Carlos Guimarães
Capuava**

PROGRAMA ASFALTO NOVO

Já chegou em todas as regiões de Goiânia.



* MAIS DE 350 KM DE ASFALTO ENTREGUES

* META DE 1.000 KM DE ASFALTO NOVO ATÉ 2028

* RECUPERAÇÃO ESTRUTURAL DAS VIAS

* MAIS SEGURANÇA E MOBILIDADE

* MAIS QUALIDADE DE VIDA

E isso é só o começo. As grandes entregas vão continuar.

Saiba mais:
goiania.go.gov.br

Instagram: [prefeitura.de.goiania](#)

Secretaria Municipal de
INFRAESTRUTURA URBANA
SEINFRA



PREFEITURA
GOIÂNIA
GESTÃO QUE RESOLVE

ESCOLA

Jovens e adultos

64 milhões de brasileiros sem educação básica desafiam novo Plano de Educação

Especialistas defendem mudança estrutural na Educação de Jovens e Adultos

» Dhayane Marques

O Brasil ainda convive com uma das maiores dívidas sociais de sua história. Cerca de 64 milhões de brasileiros com 15 anos ou mais não concluíram a educação básica, o equivalente a 37,3% da população nessa faixa etária. O número, revelado pelo estudo Demanda Potencial por EJA e Transição para o Trabalho, elaborado pela recém-lançada Rede EJA e Inclusão Produtiva, evidencia que milhões de pessoas permanecem excluídas de um direito assegurado pela Constituição e reforça os desafios para ampliar o acesso e garan-

tir a permanência de jovens e adultos na escola.

O levantamento, baseado em dados da PNAD Contínua 2025, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra que 44,7 milhões de brasileiros não concluíram o ensino fundamental e 19,3 milhões interromperam os estudos antes do fim do ensino médio. Apesar dessa demanda expressiva, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) alcança apenas 1,5% do público potencial, enquanto as matrículas na modalidade seguem em queda em todo o país.

Os dados também revelam que a exclusão escolar acompanha desigualdades históricas. Entre pessoas brancas, 63% concluíram a



Foto: Reprodução/Consed

Estudo revela que a exclusão escolar acompanha desigualdades históricas

educação básica. Entre pretos e pardos, esse percentual cai

para 50%, evidenciando que o acesso à educação continua

profundamente marcado por diferenças sociais e raciais.

Uma exclusão construída ao longo da história

Para a professora Catarina de Almeida Santos, do Departamento de Planejamento e Administração da Universidade de Brasília (UnB), o número de brasileiros que não concluíram a educação básica é consequência de um processo histórico de negação de direitos e não de acontecimentos isolados.

“O Brasil nunca teve um efetivo compromisso com a garantia do direito à educação de toda a população. A educação continua sendo

tratada como privilégio. Uma pequena parcela da sociedade tem acesso a uma educação de qualidade, enquanto a maioria enfrenta escolas precárias, infraestrutura insuficiente, superlotação, fechamento de turmas e condições que acabam expulsando estudantes do sistema educacional”, explica.

Segundo a pesquisadora, ampliar o número de vagas nunca foi suficiente para assegurar o direito à educação. O desafio envolve qualidade da

oferta, permanência e políticas públicas capazes de responder às diferentes realidades vividas pelos estudantes.

Ela afirma que o próprio sistema educacional produz parte da exclusão observada atualmente. “Há aprovação automática sem aprendizagem, fechamento constante de turmas da Educação de Jovens e Adultos e uma distorção idade-série que empurra adolescentes para uma modalidade criada para trabalhado-

res adultos. Se não mudarmos a estrutura que produz esse resultado, continuaremos obtendo exatamente os mesmos números”, ressalta.

Na avaliação de Catarina, a pandemia de Covid-19 agravou esse cenário, mas não foi sua origem. “A pandemia não criou esse problema. Ela acelerou um processo que já existia. O abandono escolar, a distorção idade-série e a exclusão educacional eram problemas históricos e apenas se in-

tensificaram a partir de 2020”, pontua.

A professora destaca que a baixa escolaridade produz consequências que extrapolam o indivíduo e atingem toda a sociedade. “Quando uma sociedade possui menor nível de escolarização, ela perde renda, reduz sua capacidade crítica, compromete a formação dos profissionais e enfraquece praticamente todas as áreas da vida social. O empobrecimento não é individual. É coletivo”, afirma.

Escolaridade também é desenvolvimento econômico

O estudo reforça que permanecer na escola influencia diretamente nas oportunidades de trabalho. Entre as pessoas que não concluíram o ensino fundamental, apenas 43,1% participam do mercado de trabalho. Entre aquelas que terminaram o ensino médio, esse índice sobe para 73,5%.

A formalização do emprego segue a mesma lógica. Apenas 38,4% dos trabalhadores sem ensino fundamental completo possuem vínculo formal, enquanto entre aqueles que concluíram o ensino médio esse percentual chega a 65%.

Uma simulação apresentada pela Rede EJA aponta que, se parte da população atualmente sem educação básica concluísse os estudos, o Brasil

poderia gerar aproximadamente R\$ 66 bilhões por ano em rendimentos do trabalho, valor equivalente a cerca de 0,6% do Produto Interno Bruto (PIB).

Para a superintendente do Itaú Educação e Trabalho, Silvana Oliveira, a pesquisa demonstra que a baixa escolaridade se tornou um dos principais entraves ao crescimento econômico brasileiro.

“Quando olhamos para esse número alarmante, percebemos que estamos diante de um dos maiores desafios estruturais do país. Estamos falando de aproximadamente um terço da população brasileira que ainda não concluiu a educação básica. Isso representa um enorme desperdício de potencial humano e econômico”, afirma.

Segundo ela, a escolaridade determina diretamente as possibilidades de inserção profissional. “Quando milhões de pessoas chegam ao mercado de trabalho com baixa escolaridade, elas tendem a ocupar postos mais precários, com menor remuneração, maior informalidade e poucas possibilidades de progressão profissional. Ao mesmo tempo, as empresas enfrentam dificuldades para encontrar trabalhadores preparados para acompanhar as transformações tecnológicas e produtivas”, destaca.

Silvana observa que investir na conclusão da educação básica significa ampliar oportunidades individuais e fortalecer a competitividade nacional. “O desafio da esco-

laridade não é apenas educacional. Ele também é um desafio de produtividade, competitividade e desenvolvimento econômico. Investir na conclusão da educação básica e na qualificação profissional significa ampliar oportunidades para as pessoas e aumentar a capacidade de crescimento do Brasil”, relata.

A pesquisa também evidencia que a articulação entre Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional e Tecnológica melhora significativamente os indicadores de empregabilidade. “Nossa pesquisa mostra que a educação profissional melhora a inserção no mercado de trabalho, amplia a formalização e aumenta os salários. Ela também desconstrói o mito de que um curso técnico

impede o acesso ao ensino superior. As duas trajetórias são complementares”, pontua.

Na avaliação da superintendente, recuperar esse público exige políticas integradas entre educação, assistência social e desenvolvimento econômico.

“Não basta oferecer vagas. É preciso construir uma oferta que dialogue com a realidade dessas pessoas, com flexibilidade, acolhimento, estratégias de permanência e uma conexão clara entre educação e oportunidades concretas de trabalho e renda. Quando o estudante percebe que concluir a educação básica pode transformar sua vida, a permanência na escola deixa de ser apenas um desafio e passa a ser um projeto de futuro”, ressalta.



Acabou a Copa do Mundo. E agora, o que será do futebol brasileiro?

Depois da campanha vexatória na Copa do Mundo de 2026, o futebol brasileiro deve passar por um forte momento de reflexão e transição. O atual modelo é um fracasso, precisa ser repensado. Após o fiasco da seleção na Copa dos Estados Unidos/México e Canadá, as discussões precisam girar em torno da perda da identidade tática, da necessidade de uma gestão mais moderna e profissional, da formação dos atletas na base e do impacto dos clubes no mercado financeiro.

A eliminação nas oitavas de final da Copa do Mundo acendeu o alerta máximo na CBF. O Brasil amarga um longo jejum, o maior na história sem conquistar uma Copa do Mundo, e viu seleções como a Espanha e a Argentina se consolidarem no topo do ranking da Fifa. Críticos e ex-jogadores apontam que o Brasil perdeu sua essência ao tentar copiar estilos europeus, numa época em que os clubes da Europa deveriam copiar o futebol brasileiro, pentacampeão do mundo.

Em vez de incentivar e valorizar a individualidade, o drible, a criatividade, características do DNA nacional, os técnicos brasileiros passaram a inibir esses fundamentos na base, fazendo prevalecer o condicionamento e a força física dos jovens, desde de seus primeiros passos nas escolinhas de futebol. O futebol arte, que deveria ser patrimônio imaterial do esporte brasileiro, foi mutilado pelos "técnicos de base", resultando na caricatura de Seleção que envergonhou o Brasil na última Copa.

Michael, o artista da bola, que passou pelo Goianésia, foi con-

tratado pelo Goiás e depois vendido ao Flamengo, é um exemplo de um dos últimos craques da velha escola do futebol brasileiro. Michael não fez base, veio do "terrão" direto para o futebol profissional. Não teve ninguém para inibir o ímpeto de suas jogadas desconcertantes. Como nos tempos de Garrincha, Jairzinho, Ulisses, o bailarino, Helinho ventania, Fernandinho, Zé Henrique e tantos outros.

No futebol atual, nenhum deles teria prosperado. Seriam obrigados a aprender jogar como os medíocres da seleção brasileira, marcando e defendendo, saindo de campo satisfeitos com um empate ou quem sabe, uma vitória magra e sem graça. Foi para modificar esse tipo de futebol que a CBF contratou o italiano Carlo Ancelotti. "No Brasil os técnicos não evoluíram, a Seleção precisa de um técnico moderno, de preferência da Europa", justificou a CBF. Trouxeram Carlo Ancelotti, ganhando

do a fábula de R\$ 5 milhões/mês, livre de todas as despesas como passagens aéreas para a Europa, casa no Brasil, transporte e outros benefícios. Ancelotti chegou, nada acrescentou, convocou mal, treinou mal, foi para a Copa do Mundo e deu o maior vexame.

A eliminação recente no Mundial, gerou fortes debates sobre o futuro do futebol no Brasil. Críticos apontam que a seleção nacional está ficando para trás em relação às potências europeias e a Argentina, grande rival no continente sulamericano. A CBF tem sido alvo de enxurrada de críticas por falta de planejamento e estabilidade. Enfrenta forte pressão para renovar toda sua estrutura, a partir de suas bases.

Informações dos bastidores do mundo do futebol dão conta que a esposa de Carlo Ancelotti não quer comandando a seleção brasileira. Quer que o técnico deixe a seleção e volte para a Itália. A torcida brasileira também quer o mesmo.



Pedro, o artilheiro que Ancelotti não levou para a Copa, continua marcando gols no brasileiro

A volta do Brasileirão

Com o fim da Copa do Mundo, o Brasileirão 2026 é retomado em ritmo frenético. A série A está em sua 19ª rodada e os principais clubes do eixo Rio-São Paulo consolidaram sua liderança na tabela de classificação. Mas o campeonato brasileiro, o maior do planeta, precisa ser repensado. No modelo de pontos corridos, o torneio já começa com Palmeiras e Flamengo favoritos para a conquista do título. E dificilmente sai de uma dessas duas grandes forças do futebol brasileiro.

O Palmeiras se destaca na disputa pelas primeiras posições, conseguindo vitórias fora de casa, como o triunfo expressivo por 3 a 1 sobre o Coritiba. O Flamengo também demonstrou a força de seu elenco ao golpear a Chapecoense por 4 a 0, na casa do adversário. O Cruzeiro vem tentando acompanhar os dois grandes favoritos, mas não tem demonstrado forças suficientes para ultrapassá-los. A série A tem ainda um segundo turno inteiro para se conhecer o campeão, mas num cenário de pontos corridos, Palmeiras ou Flamengo já podem comemorar a conquista.



Vila Nova, no caminho certo para a série A

Série B bem disputada

Fotos: Divulgação



Michael, futebol arte que não passou pela base

A série B não foi paralisada durante a Copa do Mundo. Clubes como o Criciúma, Operário-PR, Vila Nova, Juventude, Fortaleza e Novorizontino se destacam no torneio e buscam uma das quatro vagas para a elite do futebol brasileiro em 2027. Correm por fora o Goiás, o Sport Recife e o São Bernardo, que também apresentam um futebol competitivo e podem ocupar uma vaga no G4 com o desenrolar da competição.

O Criciúma disparou na liderança da série B e deve voltar à elite do campeonato brasileiro. No futebol goiano, o Vila Nova faz a melhor campanha, principalmente jogando em casa, onde ostenta uma invencibilidade desde o início da série B. Mas está oscilando fora de Goiânia. O Tigre vem de quatro derrotas longe do OBA, resultados que vem preocupando a comissão técnica e a diretoria do Colorado.

O Atlético faz a pior campanha entre os goianos na Série B. Vem oscilando desde o início da competição, com troca de técnicos, dispensa de jogadores e contratação de outros. O clube ainda enfrentou um longo período proibitivo para fazer novas contratações em função de um Transfer Ban imposto pela Fifa, por conta de uma dívida trabalhista com o jogador uruguaio Alejo Cruz. Essa situação parece resolvida.

O Goiás faz uma campanha apenas regular. Ocupa a sétima colocação, não contratou nenhum reforço na janela aberta recentemente e parece que não vai contratar, em função das atuais condições financeiras do clube. Com o elenco que tem, dificilmente o Goiás conseguirá alcançar seus objetivos, considerando que seus adversários estão se reforçando e vão dificultar ainda mais suas pretensões, caso se mantenha com o elenco atual.

✓ O atacante e artilheiro Kadu Souza, do Goiás, recebeu o terceiro cartão amarelo no jogo contra o Sport e desfalca o Goiás na partida de domingo contra o América-MG em Belo Horizonte.

✓ Neymar tem o maior salário do futebol brasileiro. Na Copa do Mundo, para muitos era esperança do Brasil para a conquista do hexa. Vive do nome construído no passado. É ex-jogador.

✓ Douglas Mendes, zagueiro de 22 anos que fez sua estreia contra o Fortaleza na última terça-feira, deixou ótima impressão. Marcou o primeiro gol do Vila e participou do outro gol Colorado. Ganhou a posição.

✓ O Goiás registrou seu maior público na temporada, com 10.575 presentes no estádio Hailé Pinheiro no jogo contra o Sport Recife. A renda foi de R\$ 196.110,00.

✓ O Flamengo voltou arrasador ao campeonato brasileiro da série A. Foi a Chapecó e massacrado a Chapecoense por 4 a 0. O centroavante Pedro, que foi preterido por Carlo Ancelotti, marcou dois dos quatro gols assinalados pelo Flamengo.